



UMA EDUCAÇÃO NA PRÁXIS: O DIÁLOGO COMO CAMINHO PARA A EDUCAÇÃO LIBERTADORA

EDUCATION IN PRÁXIS: DIALOGUE AS A WAY TO RELEASING EDUCATION

Alan Kenneth Souza Pereira¹

Marlon Nunes Silva²

RESUMO:

O presente trabalho consiste na análise da obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire onde se questiona o modelo tradicional de educação denominado pelo autor como “educação como depósito bancário”. Sendo este modelo um instrumento de dominação das classes dominantes, um modelo que não valoriza o saber do educando e vê apenas o educador como o detentor do conhecimento e que reforça ainda mais a dicotomia opressor-oprimido. Em contrapartida, Paulo Freire propõe um novo modelo de educação que parte do princípio do diálogo e a relevância da vivência do educando no processo educacional, valorizando suas experiências e propondo uma construção do conhecimento coletiva, que se baseia numa práxis dialógica.

Palavras Chaves: Paulo Freire, Educação, Experiência, Liberdade.

ABSTRACT:

The present work consists of an analysis of the work *Pedagogia do Oprimido* by Paulo Freire, where the traditional model of education called by the author as “education as a bank deposit” is questioned. This model being an instrument of domination of the dominant classes, a model that does not value the student's knowledge and sees only the educator as the holder of knowledge and that further reinforces the oppressor-

¹ Bacharel Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Pós-graduado em Gestão Escolar Integradora pela Faculdade Batista e pós-graduado em Metodologia de Ensino Superior e Tutoria a Distância pelo Instituto de Educação ATENEU-ISEAT. Estudante de Psicanálise pelo Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica. Professor de Filosofia da Rede Estadual de Minas Gerais. E-mail: akspereira@gmail.com

² Bacharel Licenciado em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Pós-graduado em Filosofia Hermenêutica pela Faculdade Jesuíta. Mestre em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Psicanalista pela Associação Brasileira de Filosofia e Psicanálise. E-mail: nunesmarlono@gmail.com

oppressed dichotomy. In contrast, Paulo Freire proposes a new model of education that starts from the principle of dialogue and the relevance of the student's experience in the educational process, valuing their experiences and proposing a construction of collective knowledge, which is based on a dialogical praxis.

Keywords: Paulo Freire, Education, Experience, Freedom.

INTRODUÇÃO

A Educação sempre foi um problema no Brasil. Sempre foi pensada num viés tecnológico e utilitarista a fim de nutrir os interesses do mercado. Um país onde a desigualdade social é uma das maiores dentre os que possuem o maior Produto Interno Bruto, não há um projeto real e sistemático para a educação.

Outro problema é o fato de que no Brasil as políticas públicas, sobretudo as políticas públicas educacionais não são colocadas fielmente em prática, a educação é analisada como gasto e não como investimento, não se respeita as regras no que diz respeito a distribuição de verbas e sempre que há necessidade de aumentar os recursos em algum setor, é da educação que se retira.

É necessário pensar num real projeto de reforma educacional, que realmente crie mudanças profundas no pensamento e nos paradigmas sociais. E que este projeto seja visto como uma política de Estado, que seja pensado com profundidade e rigor e não visto apenas como objeto de posição ou oposição partidária.

Há a necessidade de se investir mais na educação, captar novos recursos para o setor e aplicar um projeto sólido e consistente, que acompanhe as mudanças sociais, políticas e ecológicas do mundo. Precisa-se urgentemente abrir mão da mentalidade das décadas anteriores e se lançar diante da realidade atual, e acima de tudo, para um futuro que surgirá.

A educação é e deve ser vista como instrumento de mudança da realidade. Num país democrático deveria ser o papel do governo servir a sua população e não, como acontece, apenas de pequenos grupos dominantes. Por isso, a importância de se pensar uma educação emancipadora, que rompe com a lógica capitalista e aplique mudanças significativas na sociedade.

Paulo Freire ao produzir a Pedagogia do Oprimido no final da década de setenta já percebia a lógica da educação como instrumento de fragmentação da realidade e como ferramenta ideológica que reforça a lógica capitalista clássica:

opressor-oprimido. Freire salienta ainda que as mudanças significativas jamais partiram ou partirão das elites ou do próprio governo, já que a educação atual reforça o atual jogo político do modelo que os mantém no poder. Não é interessante uma população consciente e crítica que a qualquer momento poderá se organizar e mudar a lógica capitalista como um todo no país.

EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO

Se a história é escrita pelos vencedores, a educação é planejada pelos opressores. Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire (2019) propõe uma teoria de superação do processo histórico da educação brasileira, na tentativa de elucidar o rompimento da perspectiva opressor- oprimido.

“Enquanto se encontra nítida sua ambiguidade, os oprimidos dificilmente lutam, nem sequer confiam em si mesmos. (FREIRE, 2009, p. 70)”. Como pensador marxista, Paulo Freire, propõe a existência de um conflito de classes, onde através do processo educacional o opressor se mantém enquanto opressor e o oprimido aceita tal condição, pois, não se vê possibilitado de sair daquela condição, ou até mesmo, deseja também estar na condição de opressor para praticar os mesmos atos contra os outros oprimidos.

A atual ideologia é tão predominante que os próprios opressores se inserem nela, os mesmos acabam seduzidos pela visão distorcida da realidade e não conseguem perceber com exatidão a relação senhor e escravo. Em suas mentalidades se acham bem feitos. Esta mentalidade está tão inserida na mentalidade do opressor que se o oprimido tentar romper com a situação, no ponto de vista do opressor, quem é o opressor é o oprimido, Freire diz que: “Para os opressores, porém, na hipocrisia de sua 'generosidade', [...] são sempre os oprimidos os que desamam. São sempre eles [...] os 'bárbaros', quando reagem à violência dos opressores” (FREIRE, 2019, p. 59).

Os opressores acabam por se fazerem de vítima, e em sua lógica os oprimidos deveriam constantemente agradecê-los pelas condições que são disponibilizadas. Através da lógica midiática, da indústria cultural e pela educação os oprimidos são levados a acreditar nessa visão. Por esse motivo, o oprimido é educado a alimentar essa roda e fortalecer mais ainda a desigualdade social. O oprimido acredita que se trabalhar duro pode chegar ao status de patrão, entretanto, são raras as pessoas que

conseguem emergir da pobreza e alcançar outro patamar econômico de forma digna e lícita.

Os olhares são voltados para o consumo e o oprimido gasta o pouco que lhe sobra do que é gasto em seu sustento com aquisições supérfluas, frutos do incentivo comercial, isso quando se é possível consumir, alimentando ainda mais o vazio existente em sua vida, pois acredita que consumir suprirá seus desejos, suas necessidades, mas, no fim, não é possível. E para aqueles que não é possível consumir, o que fica é apenas o desejo do consumo.

A violência existente na sociedade também é um sintoma dessa relação oprimido e opressor, afinal, o desejo constante de consumo gera a necessidade de adquirir os produtos que se fazem objetos de desejo. O fim último é o consumo, e por esse motivo, muitos acabam optando por uma vida de crimes para poder alcançar o status de possuidor de bens.

O tráfico de drogas é uma forma de alcançar esse desejo, através do acúmulo do dinheiro e do poder dado pelo tráfico em regiões periféricas, e para aqueles que consomem as drogas, a constante necessidade de fugir da maçante realidade que se volta sempre para o consumo e pela busca da condição de opressor. Dentro de todas essas concepções, Paulo Freire, vê a necessidade da elaboração da Pedagogia do Oprimido, para que, os educadores do país tomem consciência da situação e juntos rompam com a lógica da exploração, onde há a necessidade de um conflito de classes.

A LÓGICA DA EDUCAÇÃO COMO DEPÓSITO BANCÁRIO

“De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, [...] que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua incapacidade” (FREIRE, 2019, p. 69). A auto desvalia é a ideologia predominante da nossa sociedade atual. O oprimido acredita fielmente, em sua maioria, que o modelo socioeconômico é o modelo ideal para nossa sociedade.

A falta de conhecimento é o principal mecanismo para promover a desigualdade social. Para se ter ideia, o ato de ler e escrever extensivo a toda população enquanto lei é algo muito recente se tratando da história do país. A obrigatoriedade do ensino médio por exemplo é algo proposto nas últimas décadas. E mesmo diante da obrigatoriedade do ensino é discutido constantemente qual o papel da educação: de

formar cidadão conscientes de seus direitos e deveres, críticos ou apenas instruir tecnicamente no que diz respeito aos respectivos conteúdos.

O opressor tem a clarividência que enquanto os oprimidos não tiverem conhecimento de sua própria cidadania, o conhecimento crítico de que isso representa, os mesmos continuarão sendo manipulados, e a lógica persistirá. Freire afirma que “até o momento em que os oprimidos não tomem consciência das razões de seu estado de opressão, aceitam fatalisticamente a sua exploração” (FREIRE, 2019, p. 71). E o opressor tem conhecimento dessa situação, por isso, a educação é seu principal meio de alienação.

“[...] A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado”. (FREIRE, 2019, p. 80). Sendo assim, Freire aponta o modelo educacional como modelo de educação bancária, onde o professor tem o papel de depositar o conhecimento na mente do aluno. Esta visão vê o aluno como aquele que não possui conhecimento algum e o professor ao contrário, é o senhor do conhecimento.

Compreender o processo do conhecimento por este viés é extremamente complicado, pois, nega toda a vivência e experiência dos educandos, suas realidades e suas particularidades. Reduz o aspecto do conhecimento apenas para dentro da sala de aula, ignorando experiências de da vida subjetiva de cada aluno.

E para piorar, é evidente que a valorização do professor acontecerá pelo acúmulo de conhecimento aplicado aos educandos, quanto mais conteúdo for passado, mais conhecimento eles terão e mais eficaz será o professor dentro dessa lógica, como se as pessoas fossem máquinas, computadores e a memória fosse constituída somente pelo armazenamento virtual.

Segundo Freire, “[...] Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 2019, p.80). Em outras palavras, é dentro da própria práxis que se dá o processo de conhecimento. Fora da práxis, o que acontece é apenas o condensamento das informações, não a conhecimento propriamente dito.

O termo práxis é um termo muito utilizado por Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido, do grego, práxis significa conduta ou ação, entretanto, não uma conduta ou ação simplista, somente prática, como a própria fonologia da palavra induz a entender, mas, uma prática reflexiva, ação-reflexão, que se desenvolve juntamente com a teoria, porém não se apoiando inteiramente a ela, sobretudo na própria vivência. “A práxis,

porém, é reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2019, p. 52)”.

O conhecimento só é produzido de fato através da práxis, e não dentro de uma sala sem interação com a realidade, o método bancário de ensino se isola do mundo, e não leva em consideração as experiências dos alunos. Jean-Paul Sartre, filósofo francês do século XX, desenvolveu uma série de reflexões na área do existencialismo, da fenomenologia e também de linha marxista. Como centro de seu pensamento, refletiu a respeito da subjetividade humana e sobre a formação da consciência. Foi defensor árduo da liberdade individual e da necessidade do engajamento como forma de afirmação da vida. Ele afirma que os seres humanos são frutos de suas experiências, ou seja, o homem nada mais é do que ele faz de si mesmo. Entretanto, embora defensor da subjetividade e da liberdade individual, Sartre sempre ressaltou a importância do outro na vida do ser humano, e de como as escolhas individuais influenciam no coletivo.

Embora o homem faça a si mesmo, esse fenômeno reflete as suas escolhas e suas experiências diante do mundo, dessa forma o outro é extremamente importante para construção do eu na vida do ser humano. “[...] cada um escolhe perante os outros e se escolhe perante os outros.” (SARTRE, 1987, p. 18). O outro é indispensável à existência do indivíduo tanto quanto, aliás, ao conhecimento que ele tem de si. A descoberta da intimidade se dá em função de uma liberdade, a do outro que se encontra à frente, e este que pensa e quer, somente a favor e/ou contra o outro. Logo, o plano das relações entre o eu e o outro/outrem pode ser entendido como intersubjetividade.

É evidente a influência do pensamento sartriano na filosofia de Paulo Freire, já que este refuta completamente a ideia de uma formação bilateral, ou seja, do educador cheio de conhecimento preenchendo a memória do educando vazio disso. Para Freire, esta visão de depósito bancário na educação está completamente equivocada, e que esta, reforça ainda mais a relação opressor e oprimido. Qual seria então a verdadeira forma de compreender a produção de conhecimento? Muitos irão dizer que o papel do professor é de ser mediador do conhecimento, ou seja, aquele que liga o aluno ao conhecimento, ao mundo. Dentro do pensamento de Freire, essa concepção de educação também está equivocada. Qual seria então?

Segundo Freire, tanto o professor quanto o aluno são agentes receptores de conhecimento, e o mundo que seria o mediador. Ambos estão inseridos no mundo, estão vivenciando suas experiências em sala de aula, assim como o professor, o aluno

também produz o conhecimento para o professor, através da práxis, e este transmite para o aluno o seu conhecimento também através da práxis.

É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. (FREIRE, 2019, p. 95-96).

Dessa forma, a relação bilateral entre cognoscente (educador) e o objeto cognoscível (mundo), deixa de ser uma relação exclusiva de tal modo que supera a doxa tradicional e alcança o patamar do logos. Conhecer se transforma em experimentar, e o mundo enquanto fenômeno é percebido pela consciência. A forma que Freire entende o conceito de consciência é baseada também na visão de Sartre: “[...] 'A consciência e o mundo', diz Sartre, 'se dão ao mesmo tempo: exterior por essência à consciência, o mundo é, por essência, relativo a ela’” (FREIRE, 2019, p. 98).

Numa perspectiva fenomenológica sartriana, a consciência é vazia de conteúdo, em outras palavras, as coisas se apresentam diante da consciência e não adentram dentro dela. Ter consciência é perceber o mundo, se perceber enquanto elemento integrante dele, e se perceber enquanto Ser que percebe e tem consciência de sua própria percepção. Ao contrário, a visão bancária de educação, entende que tomada de consciência é o adentrar das coisas na consciência. A concepção bancária de educação, então, sugere a dicotomia homem-mundo que difere da realidade. Segundo ele, para esta concepção, a consciência é apenas uma parte do ser humano, e não sua totalidade. Sendo que para ele, a consciência é o próprio eu que concebe a realidade e a si mesmo.

Desta Forma, não distingue presentificação à consciência de entrada na consciência. A mesa em que escrevo, os livros, a xícara de café, os objetos que me cercam estão simplesmente presentes à minha consciência, e não dentro dela. Tenho a consciência deles mas não os tenho dentro de mim. Mas, se para a concepção “bancária” a consciência é em sua relação com o mundo, esta “peça” passivamente escancarada a ele, à espera de que entre nela, coerentemente concluirá que ao educador não cabe nenhum outro papel que não o de disciplinar a entrada do mundo nos educandos. Seu trabalho será, também, o de imitar o mundo. O de ordenar o que já se faz espontaneamente. O de “encher” os educandos de conteúdos. É o de fazer depósitos de “comunicados” - falso saber – que ele considera como verdadeiro saber. (FREIRE, 2019, p. 87-88).

Se o ser humano é a sua própria consciência, e a partir de sua consciência é possível compreender o mundo a partir da práxis, e o conhecimento resulta na experiência individual e coletiva dessa mesma práxis, é importante compreender o processo histórico do indivíduo. O ser humano é um ser inacabado, afinal, se o homem é tudo aquilo que faz de si mesmo, e este fazer é realizado através das experiências da práxis, esse exercício da práxis é um exercício constante, que apenas encerrará na morte. Além disso, devido à própria consciência, os mesmos se percebem enquanto seres inacabados e históricos.

Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Tem a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela tem. Daí que seja a educação um que fazer permanente. Permanentemente, na razão da inconclusão dos homens e do devenir da realidade. (FREIRE, 2019, p. 102).

A educação é propriamente uma atividade humana, “[...] a educação se re-faz constantemente na práxis. Para ser tem que estar sendo”. (FREIRE, 2019, p. 102). Assim como os seres humanos, o processo educativo precisa estar constantemente sendo revista. O ser humano muda, a sociedade muda, geopoliticamente o mundo mudou, e a educação não muda. É necessário romper com a dicotomia opressor-oprimido da educação, com essa perspectiva bancária e se voltar para uma educação emancipadora, problematizadora, onde os educando-os possam através da práxis tomar a verdadeira consciência do mundo, e não serem apenas depósitos de informação.

Por isto é que esta educação, em que educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador “bancário”, supera também a falsa consciência do mundo. O mundo, agora, já não é algo sobre que se fala com falsas palavras, mas o mediatizador dos sujeitos da educação, a incidência da ação transformadora dos homens, de que resulte a sua humanização. (FREIRE, 2019, p. 105)

Professor e aluno, homens e mulheres, todos os seres humanos podem tornar-se mais conscientes da existência e percebem e vivenciam o mundo. O mundo é o verdadeiro mediador dos homens e mediador do conhecimento, a educação revolucionária só será possível mediante a esta mudança de postura, pois, este modelo não serve para a lógica atual, por esse motivo, ela se faz necessária para a derrubada

do modelo, deve ser aplicada o quanto antes, e não após a mudança de paradigma, que nunca acontecerá, se não houver mudança na educação.

UMA EDUCAÇÃO NA PRÁXIS: O DIÁLOGO COMO CAMINHO PARA A EDUCAÇÃO LIBERTADORA

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2019, p. 108). A educação só será uma educação como prática da liberdade se passar pela dialogicidade. A cultura, elemento essencialmente humano só foi possível graças ao surgimento da linguagem. A linguagem, juntamente com o trabalho são os elementos necessários para a formação da cultura, e diferente do reino animal, ambas são frutos da consciência humana, onde há ação e reflexão, ou seja, práxis.

É de suma importância entender que a partir da linguagem, foi possível estabelecer uma relação sistemática entre os indivíduos e assim desenvolver também o pensamento, através do diálogo entre os homens, a técnica pôde ser desenvolvida, já que o conhecimento agora podia ser passado para o outro e refletido. A linguagem se estende a todos os seres humanos, ao ponto de se tornar próprio de sua natureza, assim como o trabalho, que é a intervenção humana junto a ela. “Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens”. (FREIRE, 2019, p. 109).

O ser humano vive, interpreta, age e vislumbra o mundo, através do trabalho, da linguagem, da práxis. E possui consciência dessa interação. O diálogo é a ferramenta fundamental para a produção da cultura e necessário para a reformulação do processo educacional. Por esse motivo, é importante a compreensão e a preservação da identidade do educando, uma educação humanizadora, que rompe com a lógica opressor-oprimido, que rompe com a lógica bancária. Deve-se necessariamente dialogar com o educando e com o mundo.

Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. (FREIRE, 2019, p. 108)

Entretanto, segundo Freire, não há possibilidade de diálogo se não houver amor. O amor é o fundamento do diálogo por excelência, é o próprio diálogo. “[...] Se

não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo” (FREIRE, 2019, p. 111). Segundo ele, o amor é o impulso primordial para a busca, é um ato de coragem, é o verdadeiro compromisso com os seres humanos. Sem ele não há possibilidade de relação harmônica, a vontade individual sempre estará em primeiro plano, o egocentrismo. Na lógica da educação bancária, o conhecimento é passado de forma narcisista, sem amor e preocupação com o educando, não se valoriza sua reflexão, sua experiência. Não há humildade. Uma educação humanista jamais pode negar o outro, tanto sua identidade como sua própria existência, ambos se confundem.

Ao contrário, a educação opressora, vive uma lógica sadomasoquista, onde um oprime de forma ativa, causando dor e sofrimento tendo controle da situação, enquanto o outro é o agente passivo que sofre o domínio e até sente prazer neste sofrimento, já que não foi ensinado outra forma de experiência a não ser o sofrimento. É necessário dar voz aos oprimidos, valorizar sua experiência com o mundo, já que “[...] o dominador não tem outro caminho senão negar às massas populares a práxis verdadeira. Negar-lhes o direito de dizer sua palavra, de pensar certo” (FREIRE, 2019, p. 170). A lógica sadomasoquista segrega, divide e não valoriza. O Eu presente na mentalidade narcísica do dominador prevalece. Não se valoriza a práxis do oprimido, não se valoriza sua história e assim a relação permanece bilateral.

O conhecimento não se esgota na visão do educador. Numa perspectiva fenomenológica, caminho que se percebe ser o que Freire trilha, o mundo enquanto fenômeno está aí, entretanto, cada pessoa percebe o mundo a partir de sua própria experiência. O mundo só possui sentido, assim como só é possível a história, na visão humana. A práxis, enquanto reflexão-ação é a percepção e ação do ser humano diante do mundo por excelência. Seres humanos vivem e produzem, enquanto os demais animais apenas vivem. E a relação seres humanos com o mundo é muito mais complexa do que a proposta pela educação opressora. Freire afirma que:

Se, na educação como situação gnosiológica, o ato cognoscente do sujeito educador (também educando) sobre o objeto cognoscível não morre, ou nele se esgota, porque, dialogicamente, se estende a outros sujeitos cognoscentes, de tal maneira que o objeto cognoscível se faz mediador da cognoscitividade dos dois, na teoria da ação revolucionária se dá o mesmo. (FREIRE, 2019, p. 173)

Educadores são educadores, mas também são educandos, e, por sua vez, entram na mesma situação, educando-educador, e a relação educador-educando e vice-versa é mediada pelo mundo, através da práxis: ação-reflexão. Cada um percebe o

mundo de uma forma diferente, e a partir do diálogo, é possível se chegar numa síntese que é o próprio conhecimento. Negar o conhecimento do educando, é negar sua própria humanidade. A educação opressora nega a própria condição de ser humano dos oprimidos. Para Freire uma educação libertadora, uma educação revolucionária deve necessariamente estar aberta sempre ao diálogo para se tornar autêntica. “Estamos convencidos de que o diálogo com as massas populares é uma exigência radical de toda revolução autêntica” (FREIRE, 2019, p. 172). Porque assim, através da síntese feita através do diálogo é que será possível construir o processo de emancipação das subjetividades.

O povo, por sua vez, enquanto esmagado e oprimido, introjetando o opressor, não pode, sozinho, constituir a teora de sua ação libertadora. Somente no encontro dele com a liderança revolucionária, na comunhão de ambos, na práxis de ambos, é que esta teoria se faz e se re-faz. (FREIRE, 2019, p. 252)

Somente através da relação entre as lideranças e as massas que será possível alcançar a emancipação. O educador na condição de líder, tem o papel primordial no processo de libertação. Não porque ele é o detentor do conhecimento, mas sim porque este, enquanto ocupa o papel de líder, deve usar sua liderança não para oprimir, mas buscar a síntese. “A solução está na síntese. De um lado, incorporar-se ao povo na aspiração reivindicativa. Do outro, problematizar o significado da própria reivindicação” (FREIRE. 2019, p. 251). Apenas com a participação do próprio oprimido no processo de libertação que será possível alcançar a emancipação.

CONCLUSÃO

A lógica bancária na educação tem o papel único e exclusivamente de segregar a população e fragmentar o conhecimento. A mesma apenas realça a ideia de que homens e mulheres só terão acesso ao conhecimento se eles se colocarem como sendo submissos a lógica do sistema. A própria identidade do educador é construída a partir deste modelo, onde o mesmo reforça este processo. Vide que a própria pedagogia, que é a ciência responsável pela compreensão e desenvolvimento do processo educacional caminha a passos de formiga, presa ainda, pelo menos no Brasil, ao modelo desenvolvido por Luiz Inácio de Loyola, na idade média.

Outro fator predominante é modelo mecanicista de educação. Este que assombra a sociedade desde o período de 1964, cujo objetivo é apenas produzir mão-

de-obra qualificada no rigor técnico, mas sem evolução crítica. Este modelo que reforçou o sistema político da ditadura por quase duas décadas, é visto por muitos em nossa sociedade como o modelo a ser seguido. No próprio texto *Pedagogia do Oprimido* Freire afirma que:

Muitos, porque aferrados a uma visão mecanicista, não percebendo esta obviedade, a de que a situação concreta em que estão os homens condiciona a sua consciência do mundo e esta as suas atitudes e o seu enfretamento, pensam que a transformação da realidade se pode fazer em termos mecânicos. (FREIRE, 2019, p.175)

A visão mecanicista reforça ainda mais a desigualdade social, já que esta privilegia apenas o conhecimento técnico e não leva em consideração o despertar crítico e a participação do educando na construção do conhecimento. Por isso Freire ressalta a importância do diálogo. Ao contrário da educação mecanicista que busca apenas resultados utilitaristas, a fim de cobrir as exigências do mercado e da elite opressora, uma educação emancipadora busca levar em consideração as experiências de vida do educando, sua relação com o mundo e sua história, a fim de desenvolver seu pensamento e seu olhar crítico sobre o mundo.

“[...] não há história sem homens, como não há uma história para os homens, mas uma história de homens que, feita por eles, também os faz, como disse Marx” (FREIRE, 2019, p. 175). A educação emancipadora compreende a relação do ser humano no mundo e para com o mundo, e sobretudo a relação entre seres humanos, que se desenvolve a partir de uma síntese entre as práxis existentes.

Infelizmente mesmo sendo dado o título de patrono da educação brasileira em 2012 através da Lei 12.612/2012, sancionada pela então Presidenta Dilma Rousseff, Paulo Freire não é abordado como deveria ser. Os próprios educadores, mesmo aqueles educadores ditos progressistas, que sonham com uma educação emancipadora, não buscam entender a fundo a proposta freiriana. E para piorar, de 2015 para cá, após o impeachment da então Presidenta Dilma Rousseff, a educação que, antes caminhava a passos largos rumo a um projeto de educação que estabelecia o diálogo, agora se volta para o olhar mecanicista novamente.

O Brasil precisa urgentemente, mais do que nunca, apostar na educação enquanto projeto de mudança social, pois, através da educação, juntamente com outros fatores, por exemplo, a divisão de renda, que isso será possível. Para tanto, educadores e educadoras, sobretudo de esquerda, devem sim começar a estudar e

praticar cotidianamente um modelo de educação voltado para a emancipação, que proponha a valorização da práxis de cada indivíduo e que estabeleça a síntese entre ambos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra. 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 69. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. In: Os Pensadores. 3.ed. São Paulo: Nova Cultural. 1987, 1-32.